



## **A PRODUÇÃO RADIOFÔNICA E SUAS NUANCES NO CONTEXTO ESCOLAR: Uma proposta de alfabetização midiática para a formação de um receptor crítico, ativo e criativo<sup>1</sup>**

Eduardo Assad Sahnão<sup>2</sup>  
Mariana Ferreira Lopes<sup>3</sup>  
Universidade Norte do Paraná

### **RESUMO**

O presente trabalho traz a experiência de oficinas de mídia-educação realizadas com seis estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros, em Londrina-PR, ao longo de sete meses no ano de 2013. Considerando a perspectiva sócio-cultural dos jovens dentro da escola, a abordagem da mídia-educação nas oficinas permite uma ressignificação dos alunos em relação à mensagem através dos conteúdos abordados em sala, tais como leitura crítica da mídia, fundamentos e linguagens do radiojornalismo, composição e arranjo de vinhetas e trilhas sonoras, etnomusicologia, produção de matérias e estruturação dos programas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídia-educação. Radio. Criatividade. Criticidade.

### **Introdução**

Diante de uma evolução gradativa de interesse e uso das novas tecnologias da comunicação por parte dos jovens e das crianças, é necessário que os educadores das diversas áreas de ensino formal e não-formal estejam preparados para ensinar e concretizar junto aos alunos um posicionamento crítico, criativo e ativo referente aos meios de comunicação, ou seja, educar para, com e através das mídias. De acordo com o Manual Latino-americano de Educação para a Comunicação (1992), entende-se por consciência crítica a compreensão do processo de produção de mensagens e signos, com a intenção de apropriação das linguagens e o fortalecimento da capacidade de distinguir os conteúdos provindos dos meios; o desenvolvimento da atitude ativa é entendida como a identificação e valorização do papel que os meios de comunicação têm na vida do receptor, consciência de grupo e potencialização dos atores sociais capazes de reconhecer as necessidades de comunicação e influir em uma perspectiva sócio-política

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Recém-Graduado em Jornalismo pela Universidade Norte do Paraná e Licenciado em Música pela Universidade Estadual de Londrina. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID). Pós-graduando em Comunicação com o Mercado pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: eduardoasahao@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Norte do Paraná Londrina-PR, Faculdade Maringá, Maringá-PR, e do curso de Pós Graduação em Comunicação Popular e Comunitária pela Universidade Estadual Londrina, Londrina-PR. email: fopes.mariana@gmail.com



mais ampla, e a criatividade, como um meio para que aflore a expressividade reprimida dos sujeitos.

Considerada por muitos como uma inimiga da escola, a mídia, aqui entendida como conjunto dos meios de comunicação existentes em uma área ou disponíveis para uma determinada estratégia de comunicação (RABAÇA; BARBOSA, 2001), agora é parte intrínseca do ambiente escolar e familiar. Quem detém a informação, de modo geral, e dentro dela a mídia, detém o fator central de desenvolvimento. A aceleração incomparável do fluxo de informação, da transmissão de formas simbólicas e de conteúdos cognitivos e emocionais exige do sujeito a capacidade de lidar com a imensa gama de informações presentes diariamente em seu cotidiano (GUARESCHI; BIZ, 2005). Para os autores:

Não há instância de nossa sociedade, hoje, que não tenha uma relação profunda com a mídia, onde a mídia não interfira de maneira específica. Isso é assim, por exemplo, com a economia, a educação, religião, e chegando, de maneira mais profunda, à própria política. (GUARESCHI; BIZ, 2005, p. 38)

Computadores, *smartphones*, *tablets*, entre inúmeros outros *gadgets* mudaram a forma de como se acessar informações e como interpretá-las. Esta mudança atingiu também a escola, que demanda uma forma diferenciada de uso e estudo dos meios de comunicação no ambiente educativo, seja ele formal ou informal. Nesse sentido, cabe ao educador integrar os diferentes meios nas suas práticas pedagógicas e não desvalorizar a cultura midiática dos jovens, mas apoiar-se nela, para que a educação sirva para promover ao mesmo tempo o espírito crítico do cidadão e a capacidade de análise do educando (JACQUINOT, 1998).

É, portanto, a função do educador deste novo século, ser intermediador do processo entre comunicação e educação, estar preparado para usar tais meios a favor de uma aprendizagem significativa para as demandas dos sujeitos hoje em dia. Este contexto de atuação e de pensamento sobre a relação entre meios de Comunicação e Educação é o que conceitua o campo da Mídia-educação, área sobre a qual a presente pesquisa se desenvolve. As crianças que integram o banco escolar em sua maioria não são capazes de conceber uma posição ideológica a respeito do processo midiático, que ironicamente, faz parte do cotidiano do jovem, mas de maneira unidirecional. Com a capacidade de produção de conteúdo individual e compartilhado, os alunos emancipam suas vidas virtuais sem ter o conhecimento necessário sobre os perigos e potencialidades que tal exposição pode acarretar.



Em busca de identificar como a Mídia-educação pode contribuir para a formação de receptores mais críticos, criativos e ativos em relação aos meios de comunicação de massa, esta pesquisa tem por objetivo realizar oficinas de rádio com estudantes do Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros, em Londrina-PR. Por meio do método de pesquisa participante, foram ministradas oficinas de rádio semanais, com seis estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental<sup>4</sup>, num total de 22 encontros, entre oficinas, gravações e visitas culturais, ao longo de sete meses. Desta forma, a questão que norteia o presente trabalho é: como as oficinas ministradas no Colégio Antônio Moraes de Barros contribuíram para a formação de receptores mais críticos, criativos e ativos em relação à mídia?

Para tanto, a pesquisa engloba um referencial teórico composto por conceitos em torno da Mídia-educação, sociedade midiaticizada e do próprio veículo radiofônico. Outros pontos abordados são a contextualização da pesquisa e sua inserção em uma proposta metodológica participante, bem como a descrição e análise das oficinas realizadas. A escolha pelo contexto da pesquisa justifica-se pelo fato do pesquisador integrar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBID) e já realizar um trabalho no local.

### **Importância da mídia-educação na sociedade contemporânea**

No âmbito do avanço tecnológico das novas mídias, com uma evolução cada vez mais efervescente, se faz necessário compreender a função social dos novos agentes e sua fundamentação para uma sociedade rumo à contínua imersão dentro de uma cultura midiaticizada. No processo de convergência midiática analisado pelo sociólogo Henry Jenkins (2008), o consumidor passa a se conectar socialmente, tornando-se produtor de conteúdo, desestruturando momentaneamente, ou não, o processo comunicacional clássico. Para Jenkins (2008, p. 29-30), “a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos”.

O comportamento migratório dos fluxos de informação e a cooperação entre as múltiplas plataformas e mercados fazem com que os consumidores sejam convidados e adentrados a participar ativamente da criação de novos conteúdos, gerando uma cultura participativa (JENKINS, 2008). Outra abordagem e concepção do conceito de

---

<sup>4</sup> As identidades dos participantes foram preservadas, sendo reveladas apenas as iniciais de seus nomes.



convergência entre tecnologias de comunicação e de informação também é analisada por Buckingham. No entendimento do autor:

A convergência se norteia pelo comércio, mas também se tornou possível devido à digitalização. Ao longo da última década, o advento de processos como TV digital, Internet, compras *on-line* e exibição paga de filmes via satélite ou cabo têm embaralhado cada vez mais as diferenças entre a difusão linear da mídia de modelo aberto, como a televisão convencional, e a difusão estreita e interativa, como a da Internet. (BUCKINGHAM, 2007, p. 120).

Atraídos pelas inúmeras possibilidades de interação dentro da rede, as crianças e jovens estão cada vez mais inseridos nessa difusão. Já se tornou consenso popular dizer que as crianças atualmente nascem com uma extrema aptidão de manuseio de aparatos eletrônicos, entrando na web antes mesmo que possam formar uma opinião concisa sobre os benefícios e malefícios que a rede pode gerar. Contudo, esta ambientação, segundo Buckingham (2007, p. 110), apresenta também aspectos negativos, pois “[as crianças] ganharam acesso a certos aspectos da vida ‘adulta’, especialmente aqueles considerados moralmente inapropriados ou para os quais elas sejam vistas como psicologicamente imaturas”.

Nos últimos anos, o avanço tem feito parte das mudanças comunicacionais e sócio relacionais no ambiente escolar. A própria mídia tem papel educativo sobre as crianças. Logo, torna-se imprescindível que o próprio aluno como receptor saiba interpretar de maneira correta as informações provenientes do meio. Existe uma relação múltipla entre os meios de comunicação, tecnologias e educação, em distintos níveis. Essa relação não é entendida pelos ministérios da educação e tampouco pelos educadores e pais de alunos (GOMÉZ, 2005). Para Guilherme Orozco-Gómez (2005, p.02), “há um grande desencontro em distintos níveis entre o que percebem os grupos de receptores e o que está acontecendo com os meios de comunicação”. Ao observar isso, é possível abduzir indagações a respeito do que seria uma conduta correta dentro da educação para a comunicação. Os professores estão se adequando aos novos e integrados meios de comunicação? Existe uma alfabetização midiática condizente com uma criticidade no que diz respeito a todas as informações que recebem dos meios?

Sem uma perspectiva educacional coesa na qual exista uma articulação entre Comunicação e Educação, torna-se difícil criar e desenvolver uma consciência crítica dos meios de comunicação, como também dos acontecimentos no mundo, da mesma



forma é inviabilizada uma resposta social a esses meios. Cabe aqui a citação de Monica Fantin, para quem:

A sociedade contemporânea tem apresentado imensos desafios para os que atuam com educação. Embora saibamos que nem sempre a demanda da sociedade é a mesma da escola, o papel que as mídias têm desempenhado na sociedade da informação, da comunicação, do espetáculo e, conseqüentemente, na formação dos sujeitos deve ser discutido na escola. (FANTIN, 2006, p. 26.)

### **Mídia-educação na linguagem radiofônica**

A escolha do rádio como principal veículo midiático de forma instrumental a fim de se produzir uma concepção crítica, ativa e criativa dos alunos se justifica na sua intenção primária de instrumento educativo. A essência do rádio brasileiro está relacionada com a educação e a cultura. Com o lançamento da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em abril de 1923, o professor e antropólogo Edgard Roquette Pinto defendia a difusão da educação e da cultura pelo rádio (ASSUMPÇÃO, 2008, p.29). A partir da década de 80, algumas escolas começaram a trabalhar a interface de educação e comunicação, já com os objetivos e preceitos do que viria a enquadrar-se no campo da Mídia-educação, com a intenção de incentivar os alunos para a construção do conhecimento e da cidadania de forma interativa e dialógica.

A interdisciplinaridade do rádio como instrumento educativo é fator preponderante dentro de uma prática escolar. Para a pesquisadora Zeneida Alves de Assumpção (2008, p. 73) a escola, ao trabalhar a rádio como ferramenta interdisciplinar, “reforça a criatividade, a espontaneidade, a autoconfiança, o espírito crítico e a argumentação dos participantes, oportunizando narrativas sobre relatos orais, peças radiofônicas entre outros”. Os alunos:

Poderão compreender as rotinas de produção radiofônica através da construção de programas, conhecendo e respeitando a linguagem e a técnica de produção do texto radiofônico que deve ser escrito para ser falado, dito, contado, ouvido e não para ser lido, o que requer competência e habilidade linguística. [...] Por isso, o texto em rádio deve ser redigido previamente, num estilo de comunicação-oral, valendo-se da voz do locutor, do silêncio e da sonoplastia que dão vida, colorido e desempenho à programação, levando os “radiouvintes” (nesse caso, os alunos) ao mundo onírico, ao mundo da imaginação (ASSUMPÇÃO, 2008, p.72).

A aprovação da lei municipal da cidade de São Paulo no ano de 2004 instituiu nas escolas públicas de ensino fundamental do município o programa Educom.Rádio – Educomunicação pelas ondas do rádio. O projeto foi realizado pelo Núcleo de



Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP) e tinha a proposta de levar os participantes a discutir e aplicar as metodologias de planejamento para a implementação de trabalhos curriculares e extracurriculares, com a produção radiofônica e multimidiática, a partir da aplicação dos conceitos educacionais nos planos pedagógicos da escola. Acessibilidade, aceitabilidade, flexibilidade e baixo custo são fatores culminantes no uso do veículo radiofônico para fins educacionais. Porém, é preciso trabalhar dentro das limitações, possibilidades e recursos do meio. Para Kaplún (1999, p.47):

Os analistas da comunicação dizem, com razão, que em todo meio de comunicação coletiva a mensagem é afetada pelas características do meio transmissor. Isto é, o meio radiofônico influi necessariamente sobre a mensagem, condiciona, impõe determinadas regras do jogo; obriga a adequar a comunicação educativa e cultural à natureza e às características específicas do meio.

Considerando a perspectiva sócio-cultural dos jovens dentro do contexto escolar, a abordagem da mídia-educação nas oficinas permite uma ressignificação dos leitores/ouvintes/telespectadores em relação à mensagem por meio dos conteúdos abordados em sala, tais como leitura crítica da mídia, conceitos mercadológicos e publicidade dentro do rádio, o contato com a produção radiofônica em suas diversas instâncias, produção de matérias, estruturação dos programas, escolhas criativas e composição de vinhetas, trilhas sonoras, e roteiros de programação.

### **Metodologia e desenvolvimento das oficinas**

Diante de um contexto sócio-cultural no qual o sujeito inicia a construção e conceituação do mundo que o rodeia, é recorrente que, para atingir a verdadeira realidade na qual está enquadrado, o pesquisador se insira no ambiente natural da ocorrência do fenômeno, como também interaja com a situação investigada. Para tal, o método de pesquisa utilizado no presente trabalho é da pesquisa participante<sup>5</sup>, enfatizando a pesquisa-ação<sup>6</sup>. Duas importantes motivações para a área da Comunicação Social, *in loco* a mídia-educação, são:

Realização de uma pesquisa inovadora de caráter qualitativo que permitisse atingir elevado grau de profundidade. Portanto, trata-se de uma posição advinda de todo um debate que se trava no campo da epistemologia da ciência. [...] E a preocupação em dar um passo adiante em relação aos estudos críticos – do tipo pesquisa-denúncia – dos meios de comunicação. (PERUZZO, 2006, p. 130).

---

<sup>5</sup> Grifo nosso

<sup>6</sup> Grifo nosso



A pesquisa integra objetivos como a análise empírica e qualitativa da observação de fenômenos presenciados pelo pesquisador, a intenção primordial de transformação social não só dos sujeitos envolvidos na pesquisa, mas na comunidade como um todo, e o uso dos próprios resultados para a resolução dos diversos tipos de desavenças que emergem daquele nicho social. O investigador há de interagir como membro, assumindo algum papel dentro do grupo. Trata-se de uma opção que exige maturidade intelectual, acentuada capacidade de distanciamento, e responsabilidade para com o ambiente pesquisado (PERUZZO, 2006).

O ambiente de pesquisa é o Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros, localizado no bairro Jardim Bandeirantes, zona oeste de Londrina. As oficinas são para alunos do 6º ao 9º ano, com idades de 12 a 16 anos, a serem realizadas no período de contraturno escolar, pela participação dos interessados ser espontânea e não obrigatória. A turma é composta por seis educandos, quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino. Foi realizado um questionário, enquanto ferramenta de sondagem inicial, para conhecer a relação dos participantes com os meios de comunicação de forma geral. Os dados revelaram que todos possuem computador com conexão à internet e televisão (TV) em suas residências. A maioria mencionou que assiste pelo menos à TV por, no mínimo, três horas diárias. Dentre os canais preferidos estão os de desenho animado e programação infantil; de filmes; e de aventura e vida selvagem. Apenas um educando revelou sua predileção por canais da TV aberta.

O acesso à internet é voltado para o uso de redes sociais, bem como para assistir a filmes e séries. O tempo médio de permanência diária na rede mundial de computadores é de três horas. Quanto à mídia impressa, a frequência de leitura é baixa, estando vinculada a revistas para o público adolescente, histórias em quadrinhos e um jornal da cidade. Sobre o rádio, suporte midiático utilizado nas oficinas, o tempo destinado a seu consumo é de até trinta minutos diários e voltados exclusivamente à programação musical. Apesar de não ser o meio de comunicação com maior adesão pelos participantes, a escolha pelo veículo radiofônico já havia sido previamente estabelecida a fim de trabalhar a música no ambiente escolar.

As oficinas de mídia-educação na linguagem radiofônica tiveram como propósito norteador a contribuição para a formação crítica, criativa e ativa dos educandos participantes. Para tanto, priorizou-se a construção de um programa de rádio em formato de revista radiofônica, que tratasse de assuntos sobre cultura, esporte, entretenimento, cinema e música. Tal formato se inclui no gênero de Entretenimento, que, para André





Barbosa Filho (2009, p.113), “as características ligam-se ao universo do imaginário, cujos limites são inatingíveis e causam proximidade e empatia entre a mensagem e o receptor que não podem ser desprezadas”.

Todos os temas foram sugeridos pelos próprios envolvidos, que nas constantes reuniões de pauta, eram aprofundados em suas diversas vertentes. A principal intenção era que os alunos, além de produzirem todo o conteúdo jornalístico como matérias, reportagens, quadros e entrevistas, usassem a ferramenta midiática para construir um posicionamento mais crítico, ativo e criativo não só perante os meios de comunicação, mas também sobre a realidade na qual estão inseridos.

As oficinas foram realizadas no Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros, localizado no Jardim Bandeirantes, zona oeste de Londrina, todas as quartas-feiras das 11h45min às 13h00min, no período de contraturno escolar, ou seja, a participação dos envolvidos era espontânea e não obrigatória. Inicialmente, participavam seis alunos, porém, devido a fatores que aqui serão explicados, um deles se ausentou do grupo no decorrer do projeto. A faixa etária dos participantes era de 14 a 16 anos.

A facilidade de inserir-se no ambiente foi graças ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no qual o pesquisador atua de forma que ocorra uma intervenção positiva dentro do contexto escolar. Após uma análise qualitativa e quantitativa do contexto sociocultural da escola, foram observados vários tipos de comportamento característicos dos atores sociais em relação à questão econômica, cultural, ideológica e habitual. Na atuação da pesquisa participante, o pesquisador adentra a realidade dos envolvidos, tornando-se um deles e produzindo conteúdos condizentes com a etapa pedagógica que se enquadram, sabendo distanciar-se como analista e integrar-se como participante ativo.

### **Leitura crítica da mídia: Formação crítica**

Durante a apresentação inicial do projeto e do cronograma, foi explícita a preocupação com um dos objetivos do trabalho, que era contribuir para uma formação crítica em relação aos meios de comunicação e sua realidade, assim como fornecer didaticamente subsídios para a recepção, produção e uso propositivo do rádio. A intenção primordial foi conceituar o que é senso crítico a partir da vivência de cada participante. Segundo José Luiz Braga (2006, p.47):

O trabalho crítico das práticas midiáticas – além dos objetivos de análise, de busca de conhecimento, de desvendamento das lógicas de um produto (ou de um gênero, ou de um processo) – tende a exercer uma função geral de desenvolvimento de competências de interação





na sociedade, no que se refere aos materiais e processos midiáticos que essa sociedade gera, faz circular e usa para os mais diferentes propósitos.

Para Guareschi e Biz (2005) realizar um trabalho de leitura crítica da mídia significa refletir sobre o papel que os meios de comunicação representam na sociedade. Desta forma, para trabalhar o senso crítico dos participantes, foi introduzido os alunos os conceitos de Indústria Cultural de Theodor Adorno e Max Horkheimer, teóricos da Escola de Frankfurt, exemplificando os preceitos básicos sob a ótica da Teoria Crítica, que se baseava em propor a constituição de um método alternativo às interpretações sociológicas, econômicas, políticas, filosóficas e estéticas tradicionais vigentes na época, levando em consideração que a fundamentação desse tipo de análise social ainda é cabível a determinadas instâncias da sociedade atual. Sobre esta teoria do campo comunicacional, Mauro Wolf (2008, p.74) sustenta que, “a teoria crítica se propõe a realizar o que sempre foge ou remete à sociedade, ou seja, uma teoria da sociedade que implica uma avaliação crítica da própria construção científica”.

Adorno e Horkheimer, com base na análise de fenômenos sociais estadunidenses da década de 1930 e 1940, cunharam em sua obra *Dialética do Esclarecimento*, a expressão Cultura de Massa, substituída posteriormente por Indústria Cultural, para designar o sistema de produção e consumo de cultura, marcado pela padronização e organização (WOLF, 2008). Neste sistema, o indivíduo é suprido de sua criticidade e autonomia, cujas necessidades são manipuladas e o resultado é uma postura acrítica aos valores impostos, assim

O espectador não deve trabalhar por conta própria: o produto prescreve toda reação: não pelo seu contexto objetivo – que se desfaz tão logo se dirige à capacidade de pensar, mas mediante sinais. Toda conexão lógica, que requeira intuição-intelectual, é escrupulosamente evitada (ADORNO, HORKHEIMER, 1947, apud WOLF, 2008, p. 79).

De maneira didática, o pesquisador partiu de experiências próprias dos alunos para debater a questão do que é ser crítico diante dos produtos e fenômenos da indústria cultural. Esta dialogicidade com o contexto dos educandos tem por base a questão da leitura da *palavramundo* exposta por Paulo Freire. Segundo o pensador brasileiro, apesar da leitura do mundo anteceder a leitura da palavra, o sistema educacional vigente tende a priorizar a última em detrimento à primeira. Porém, para uma efetiva leitura crítica da realidade, é preciso fazê-las dialogar e assim ter a leitura da *palavramundo*, ou seja, “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma



certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 1986, p.22).

O modelo Sociocultural (ou Relacional), do educador Paulo Freire, tem como principal fundamento a proposta de que, para ser válida, a educação deve ser precedida de uma reflexão sobre o homem e seu meio. “O homem se constrói e chega a ser sujeito à medida que, integrado em seu contexto, reflete sobre o que ele modifica” (FREIRE, 1995, p.48). A tendência postulada para Freire deverá superar a relação opressor-oprimido com uma educação problematizadora. Neste caso, a relação professor-aluno é horizontal e não imposta, com o intuito de que o educando e o educador possam trocar os papéis, favorecendo a aprendizagem significativa (FREIRE, 1986, 1995).

### **Fundamentos e linguagem no rádio: Formação ativa e criativa**

A formação criativa e ativa dos educandos foi sustentada no incentivo à participação. Segundo Buckingham (2005), o direito à participação é reconhecido dentro das diretrizes da UNESCO que refletem sobre os direitos de mídia das crianças. Participar, neste contexto, abrange tanto a produção de programas, quanto, em um sentido mais amplo em seu envolvimento na criação de políticas de teledifusão. A participação, assim, se coloca lado a lado à necessidade de valorização da auto-expressão deste público. Porém, para que tal direito seja de fato legitimado, são necessárias formas de educar crianças e adolescentes nesta perspectiva.

Mesmo assim, os direitos de participação não podem simplesmente ser conferidos às crianças: se quisermos que elas desenvolvam habilidades de exercitar tais direitos, elas precisarão ser equipadas para fazê-lo. Nessa medida, portanto precisamos acrescentar um quarto termo ao nosso conjunto de direitos da mídia, a *educação*. Essa forma de educação não pode ser voltada primeiramente para defender as crianças da influência das mídias ou mesmo para persuadi-las a se adequar à “consciência crítica” do professor. Ao contrário, a educação deverá buscar a participação ativa e informada das crianças na cultura das mídias que a cerca (BUCKINGHAM, 2007, p.285-286)

Nesta pesquisa, a participação centra-se na produção do programa de rádio, que teve como prioridade a ênfase na questão criativa. No que diz respeito ao papel do professor quanto à criatividade, inda dentro dos princípios básicos fundadores do modelo relacional, Jean Piaget, preocupado prioritariamente com o desenvolvimento cognitivo, centrou seu interesse na psicogênese do conhecimento. Para Piaget, o conhecimento seria decorrente da ação do sujeito sobre o objeto, pois é por meios de esquemas de ação que ele conhece a realidade, resultando dos processos de assimilação. Dentro dos vários estágios de desenvolvimento, o indivíduo é capaz de processar informações cada vez



mais elaboradas e complexas de pensar e agir. É válido ressaltar a caracterização da função de professor que incita a criatividade e intuito do próprio aluno:

“(…) O professor teria o papel de oportunizar situações de aprendizagem desafiantes e compatíveis, onde a ação dos alunos sobre os objetos seria a principal condição para a construção do conhecimento. Tal concepção decorre da ênfase no caráter construtivista da aprendizagem, que ressalva a importância da atividade do aluno, do conflito cognitivo, da cooperação entre os pares, do raciocínio e da atenção do professor ao erro no decorrer do processo” (PIAGET apud AZZI *et ali*, 2000, p.79)

Após escolhido o rádio como ferramenta de trabalho, foram demonstradas questões históricas desde o surgimento e ordem cronológica dos acontecimentos mais marcantes da história do veículo, questões técnicas como a amplitude das ondas em *Hertz*<sup>7</sup> e a faixa de frequência ocupada pelas emissoras, até suas diversas nuances atuais e possíveis rumos futuros. As características do veículo rádio, segundo Marciel Consani (2007, p. 19-21) podem ser classificadas como Intrínsecas, extrínsecas e potenciais. As *Intrínsecas*<sup>8</sup> são inerentes à especificidade do meio, por razões predominantemente técnicas: Liberdade imaginativa, alcance humano, alcance geográfico, simplicidade de produção, baixo custo e agilidade. As características *Extrínsecas*<sup>9</sup> são decorrentes de condições predominantemente históricas, como: seletividade, personalidade, adaptabilidade, essencialidade e identificação pessoal. E por fim, as *Potenciais*<sup>10</sup> são as tendências que podem ou não se efetivar, mas que contribuem para demarcar a identidade do rádio. São elas: didatismo, musicalidade, utilidade pública.

No terceiro encontro, após destacar as ambições de cada um e aplicar um questionário sobre o que gostariam de trabalhar neste ano, o pesquisador introduziu os fundamentos da função do jornalismo e sua ação dentro da sociedade, nas mais variadas instâncias e meios. A necessidade da pauta jornalística, assim como os termos básicos, *off*, matéria, reportagem, lauda, edição, estúdio, as funções de editor, repórter, pauteiro, apresentador e diferentes gêneros como jornalístico, cultural, educativo, publicitário, de entretenimento foram os conteúdos trabalhados nessa modalidade da oficina.

No final do módulo, foi organizada uma reunião de pauta, onde cada um mostrou o assunto do seu interesse para produzir a matéria, entre os assuntos mais debatidos, estavam música, informação jornalística, séries de TV e diversos tipos de

---

<sup>7</sup> Grifo nosso

<sup>8</sup> Grifo nosso

<sup>9</sup> Grifo nosso

<sup>10</sup> Grifo nosso



entretenimento. É válido evidenciar a ocorrência da troca de informações dos próprios agentes quanto aos contatos que seriam do interesse de todos, ou das matérias específicas. Um opinando sobre como a matéria do outro poderia se estruturar melhor. Neste momento, a conceitualização sobre a prática de reunião de pauta se estabelecera. Devido ao grande interesse de todos em conhecer os processos de gravação de rádio, foi agendada uma visita ao laboratório de rádio da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), na qual os alunos gravaram um pequeno trecho no estúdio para entender o processo de gravação e edição de matérias. Muitos ainda não possuíam a entonação adequada ao veículo radiofônico, se preocupando mais com o texto a ser lido corretamente do que com a tonalidade adequada ao pronunciar frases inteiras. Característica essa que fora trabalhada até os participantes se adequarem à proposta do programa.

A título de exemplo, uma das matérias produzidas foi a respeito de uma festa junina para pessoas especiais que aconteceria em Londrina. A pauta foi sugerida por N.M. e a mesma se dispôs a fazer as entrevistas necessárias com os artistas e organizadores da festa. Ao chegar no evento, N.M. ficou muito tímida para abordar os entrevistados e não conseguia prosseguir. K.V., que foi apenas para acompanhá-la, assumiu o gravador e as perguntas e com uma inesperada desenvoltura fez todas as entrevistas, ensinando à colega que não conseguira fazer. No decorrer do processo, quando a matéria de todos já estava pronta, com o roteiro estruturado, discutimos a respeito de um nome para o programa. O pesquisador usava o jargão “Mete Bronca” como figura de linguagem quando incentivava a produção de matérias e entrevistas. Os participantes aderiram ao vocabulário e optaram pelo nome de “Rádio Mete Bronca”, já que o gênero radiofônico tenderia a ser de entretenimento e a programação voltada para o público jovem.

Dentro dessa oficina, alguns conteúdos eram voltados para a prática. A dicção correta, os fonemas, imitação vocal e o vocabulário adequado para as matérias radiofônicas foram parte dos temas abordados. Os exercícios eram baseados na reprodução de trechos que os próprios alunos escreviam e reproduziam. Ao longo das oficinas, o avanço era notável, e quanto mais os envolvidos ouviam exemplos, mais as dinâmicas eram efetivas no avanço dos alunos como produtores proativos de conteúdo. A autocrítica que todos faziam também se tornou de grande importância durante o processo, pois conseguiam perceber os erros e analisar cronologicamente como haviam progredido. No término do projeto, foi escolhido o gênero musical rap para a composição de uma vinheta inicial para o programa. A letra e parte dos arranjos



musicais foram compostas pelos próprios alunos. Tais elementos serão gravados em um estúdio profissional da cidade e para finalizar as oficinas, os participantes serão levados para conhecer um rádio. A realização do programa *Mete Bronca*, antecedida pelos exercícios de análise crítica, contribuíram para a formação crítica, criativa e ativa dos educandos em diversas nuances. O resultado da prática dentro do contexto escolar é evidente, pois, para Maria Isabel Orofino (2008, p. 123):

A escola, como instituição social, pode desempenhar um papel estratégico como espaço de crítica ao consumo social das mídias. Tanto mais presente e consistente for a crítica que a escola endereçar às mídias, tanto mais forte será a resposta social à sua produção. Por meio de uma “pedagogia dos meios” – recepção e produção crítica -, a escola pode trazer contribuições para a construção de valores e consciências abertas a oferecer respostas que contribuam para o desenvolvimento do consumo cultural reflexivo, questionador e educativo, tão importante para a construção de uma sociedade cidadã.

Para Fantin (2006), o desenvolvimento de práticas em mídia-educação no seu contexto de linguagem, tal qual o realizado nesta pesquisa, culminam em um trabalho que atinge os “4 C” de suas perspectivas: cultura, enquanto ampliação dos repertórios culturais, crítica, que significa a capacidade de análise, reflexão e avaliação, criação, como capacidade criativa de expressão, e, por fim, a cidadania. Sob o aspecto técnico, a impostação vocal dos estudantes, tão como o desempenho profissional em relação à apuração de dados e estruturação do programa evoluiu notavelmente na medida em que todos iam criando um repertório cultural sobre o universo radiofônico. A vivência dos mesmos com questões reais em relação ao ser um indivíduo crítico, ativo e criativo em relação aos meios fez com que percebessem o mundo de outra maneira, da qual não eram incentivados a praticar.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a contribuição das oficinas de mídia-educação na linguagem radiofônica para a formação de receptores críticos, ativos e criativos. As oficinas foram realizadas ao longo de sete meses com cinco estudantes do Colégio Estadual Antônio Moraes Barros, em Londrina – PR. Os encontros ocorreram semanalmente, no contraturno escolar, e compreenderam ações e reflexões sobre leitura crítica da mídia, musicologia e fundamentos do rádio. Como concretização da mídia-educação em seu contexto de linguagem, os participantes produziram um programa no formato revista, o *Mete Bronca*. Durante todo o processo das oficinas, foi possível analisar o progresso dos participantes, tornando-se efetivamente receptores mais



críticos, ativos e criativos. Ao analisar novamente as definições contidas no Manual Latino-americano de Educação para a Comunicação (1992, p. 29):

*Consciência crítica* a compreensão do processo de produção de mensagens e signos, com a intenção de apropriação das linguagens, e o fortalecimento da capacidade de distinguir os conteúdos provindos dos meios; o desenvolvimento da *atitude ativa*, entendida como a identificação e valorização do papel que os meios de comunicação têm na vida do receptor, consciência de grupo e potencialização dos atores sociais capazes de reconhecer as necessidades de comunicação e influir em uma perspectiva sócio-política mais ampla, e a *criatividade*, como um meio para que aflore a expressividade reprimida dos sujeitos.

Observou-se, no decorrer das oficinas, um novo olhar dos participantes sobre o universo midiático, tanto a partir da criação de um repertório cultural que lhe proporciona ferramentas para sua expressão criativa, quanto pela reflexão crítica de questões em torno dos meios de comunicação. Estes caminhos levam a uma formação cidadã dos alunos envolvidos, ainda que estágio ideal de um cidadão crítico, ativo e criativo é necessário um tempo maior de formação sociocultural, envolvendo a prática de outros agentes no processo, como pais, amigos e professores, dentro da educação formal e não-formal.

Mas, levando em consideração o propósito dessa pesquisa, tão como a de seus participantes e, considerando a questão principal e norteadora do presente trabalho, foi possível constatar o alcance do objetivo inicial de evidenciar se a alfabetização midiática contribui efetivamente para o aprendizado e senso crítico na formação de um cidadão. A partir desta pesquisa, nota-se a necessidade de fruição da interface entre Comunicação e Educação em diferentes nuances nos contextos educativos. É importante que estejamos preparados para a função dos novos educadores do século XXI. A opção pelo modo tradicional de ensino já não é mais válido perante as novas tecnologias dispostas atualmente. A mídia-educação entre neste contexto como alicerce fundamental para a formação de uma consciência crítica no que diz respeito à produção e reprodução de qualquer que seja o tipo de informação, promovendo um novo tipo de coesão social.

### **Referências Bibliográficas**

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. **A rádio no espaço escolar: para falar e escrever melhor**. São Paulo: Annablume, 2008.

AZZI, Ricardo Gurgel. et al. **Formação de professores: discutindo o ensino de psicologia**. Campinas, SP: Alínea, 2000.



- BARBOSA, André. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2007. Título original: After the death of childhood: growing up in the age of electronic media.
- CENECA. **Manual Latinoamericano de Educación para la Comunicación**. Santiago: CENECA, UNICEF, UNESCO, 1992.
- CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.
- FANTIN, Monica. **Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil Itália**. Florianópolis, Cidade Futura, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Importância do ato de ler em três artigos que se complementam**. São Paulo: Cortez, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa** – Editora Paz e Terra – Coleção leitura.
- GOMEZ, Guillermo Orozco. Mídia, recepção e educação. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre. Nº 26. Abril 2005.
- GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre a mídia**/ Pedrinho A. Guareschi, Oswaldo Biz – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- JACQUINOT, Geneviève. **O que é um educador?** Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arg/textos/11.pdf>. Acesso em: 04 ago. de 2013.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. - São Paulo: Aleph, 2009
- KAPLÚN, Mário. **Producción de Programas de Radio**. Cap. 2 La Naturaleza Del Medio. Quito-Ecuador. Editorial Quipus, 1999.
- OROFINO, Maria Isabel. Ciranda de sentidos: crianças, consumo cultural e mediações. In: FANTIN, Mônica e GIRARDELLO (orgs). **LIGA, RODA E CLICA: Estudos em mídia, infância e cultura**. Campinas, SP: Papyrus, 2008, p.113-125.
- PERUZZO, Círcia M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009, p. 125-145
- WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.